

# Edith Stein: a liberdade no mais profundo do homem

## *Edith Stein: freedom in the depths of man*

**Renata Rodriguez**

Graduanda do Curso de Psicologia do  
Centro Universitário do Cerrado de Patrocínio III Período

---

**Resumo:** Este ensaio trata de uma leitura do pensamento de Edith Stein, examinando e estabelecendo relações entre a concepção de liberdade do homem à luz da filosofia cristã tradicional e da filosofia fenomenológica de Husserl. A autora quer mostrar como Edith Stein soube reunir nas duas correntes filosóficas as bases para fundamentar seu pensamento argumentativo a respeito da condição humana de liberdade expressada no mais íntimo do ser.

**Palavras-chave:** Liberdade, livre arbítrio, fenomenologia

**Abstract:** This text is a reading of the thought of Edith Stein examining and correlating the concept of freedom of man in the light of the traditional Christian philosophy and the phenomenological philosophy of Husserl. The author wants to show how Edith Stein put together the two philosophical bases to support her argumentative thought about the human condition of freedom expressed in the very heart of being.

**Keywords:** Freedom, free wills, phenomenology

---

## 1. Introdução

Em 12 de Outubro de 1891, em Breslau, situada entre a Europa Oriental e Ocidental, nasce de origem judaica Edith Theresa Hedwing Stein. Sua vida foi fortemente marcada pela tradição judaica mesmo após a conversão ao cristianismo. Em sua *Autobiografia*, Stein descreve a personalidade judaica da seguinte forma: “o judeu é capaz de ser tenaz, esforçado e incansável; suportar privações ano após ano, mas enquanto tenha a meta diante dos seus olhos” (STEIN, 2002 apud COSTA, 2008).

Já na sua infância e juventude, Edith Stein manifesta sua personalidade forte e marcante e uma capacidade intelectual extraordinária. Aos 14 anos abandona os estudos e a religião conscientemente devido às grandes indagações e dúvidas que a perturbavam. Por este motivo foi enviada para Hamburgo, por sua família, para morar com sua irmã mais velha, Else e o marido, e foi justamente em Hamburgo que Stein começa a identificar-se com um humanismo prático, na contextualização da existência humana, retomando os estudos e concluindo-os com êxito em 1911.

De volta a Breslau inicia os seus estudos universitários em Psicologia, Filosofia e História Germanística. Stein orienta seus estudos com a finalidade de descobrir a verdade que explicasse o homem em sua essência, entretanto a visão reducionista e

mecanicista da Psicologia de Wundt e Titchener, ainda muito presente na Europa daquele tempo (início do século XX), não a satisfaz. É pela leitura das obras de Edmundo Husserl que Edith Stein, totalmente entusiasmada, começa a dar os primeiros passos em busca da verdade que tanto procurava. No método de Husserl o ponto de partida são os próprios fenômenos e, a partir da investigação dos fenômenos como eles se apresentam, a nossa consciência pode chegar à verdadeira realidade sem prejuízo da subjetividade.

Em sua tese de doutorado, Stein defende o assunto *O problema da Empatia*, intercalando Psicologia e a Filosofia Fenomenológica de seu mestre Husserl. Em sua tese aborda a consciência através da intuição, o que lhe abre a possibilidade de discutir a fé. Obtém nota máxima, *summa cum laude*, e é eleita pelo próprio Husserl como sua assistente pessoal, o que faz dela uma pioneira, já que esta função nunca tinha sido exercida por uma mulher na Alemanha.

Na cultura ocidental o pensamento teológico é estreitamente entrelaçado ao filosófico, graças às contribuições de pensadores como São Tomás de Aquino e Santo Agostinho. Após um longo período de crise interior, Stein, ao se deparar com a filosofia cristã tradicional nas obras de São Tomás de Aquino e Santa Teresa de Jesus, encontra uma possibilidade nova de unir a filosofia de seu mestre, Husserl, com a visão mística do homem, revelada em textos de teólogos místicos como São João da Cruz e os já citados anteriormente.

Edith Stein, neste novo caminho entrelaçado entre teologia e filosofia, chegou à conclusão de que “Deus é a verdade. Aquele que procura a verdade está à procura de Deus, mesmo que não saiba” (STEIN, 1934 apud MACCISE & CHALMERS, 1989), e também que “aquele que procura a verdade vive sobretudo no coração da atividade racional; ele ficará mais próximo de Deus, que é a verdade, e com isso, do seu próprio interior, mais do que ele possa pensar” (STEIN, 1934 apud MACCISE; CHALMERS, 1989). Segundo Edith Stein, aproximando-se de Deus, conseguiu nos guiar pela luz da sabedoria e assim romper as barreiras que nos aprisionam. Podemos assim ser livres.

Edith Stein foi uma das representantes do movimento fenomenológico, intitulado Círculo de Gottingen. Podemos dizer que sua vida espiritual, ou melhor dizendo, a sua inquietação espiritual a incentivou a buscar na Filosofia Fenomenológica e no Cristianismo uma efetiva resposta às suas mais profundas aspirações intelectuais e espirituais, uma explicação subjetiva para o mundo objetivo.

No Cristianismo existem várias “teologias”, ou várias abordagens místicas e teóricas, que nos aproximam e explicam a relação homem e Deus, mas Stein prefere trilhar o caminho que revela o homem como ser livre, sendo a liberdade o dom maior que Deus ser Infinito pode dar as suas criaturas. Edith Stein em suas obras dedicou-se a aprofundar-se na atração que nos conduz a Deus. Dar-se a Deus num amor que se esquece de si próprio, é deixar sempre um espaço em si mesmo para Deus agir. Para ela, quanto mais profunda for a atração e quanto mais Deus nos seduz, maior é o dever de sair de si, isto é, ir em direção ao mundo para viver aqui a vida divina. Em contra partida seus ensinamentos revelam que o livre arbítrio é o motor para a ação redentora. Podemos renovar nossa vida à luz da experiência dos ensinamentos de Jesus, se assim o quisermos. Não somos obrigados a nada.

## 2. Desenvolvimento

Edith Stein de maneira consciente se incorpora à corrente fenomenológica, convencida de que Husserl era o filósofo de seu tempo. É na fenomenologia que Stein se forma filósofa, identifica-se plenamente, configurando seu pensamento com o espírito fenomenológico.

Na busca constante de Edith Stein em compreender o homem, situa-se em todas as suas obras o homem como ser livre. Na visão steiniana, razão, autoconhecimento e liberdade são partes integrantes e indissociáveis da pessoa. Para um melhor entendimento do mundo é necessário compreender-se a si mesmo, mediante a compreensão do modo como a consciência opera. Para Stein nada melhor que a fenomenologia para explicar os mecanismos da consciência.

O homem nasce para ser livre, porém seguramente o que mais opõe resistência à liberdade é a própria natureza humana tão complexa. Edith Stein afirma que a pessoa é livre diante de tudo, pois determina sua vida diante de si mesmo. Reconhecendo aqui sua afirmação, o principal determinante para ser livre é defrontar-se com seu próprio interior, pois é no mais profundo do ser que está a liberdade. É do lugar mais inconstante, o eu, que o homem está mais próximo de se encontrar e tomar decisões que determinam a evolução própria.

E para Edith Stein compreender o homem como ser livre, ela teve que ultrapassar a barreira da racionalidade, ou seja, teve que buscar na fé respostas para discutir as verdades inacessíveis pela razão, por isso ultrapassa a ideia de homem como um ser puramente racional. A partir daí o princípio que norteia a vida e as obras de Edith Stein é a espiritualidade.

A pessoa na visão de Edith Stein possui potencial para alcançar a plenitude. Aqui vale ressaltar que para chegar a um estado de espírito pleno, o homem faz a travessia pela noite escura dos sentidos, em que as ilusões e dores próprias da existência são abrandadas pelo toque suave da descoberta do místico, da arte, do autoconhecimento, da liberdade no mais profundo do homem (STEIN, 2008).

A noite escura dos sentidos, na visão steiniana, é o lugar de onde emana o potencial para ser livre. É onde os sentidos humanos se concentram em buscar apenas o que é relevante para seu aperfeiçoamento: “para conseguir a transformação sobrenatural, é preciso deixar tudo quanto faz parte do homem natural” (STEIN, 2008).

Procurando compreender um pouco esta subjetividade steiniana, percebemos em correlação com as inquietudes fenomenológicas, que Edith Stein concebe a vida do homem como um projeto, algo inacabado. Aperfeiçoamento, porém pertence ao homem mesmo.

Esta visão steiniana do homem livre e em construção diz que é no íntimo, na sua essência, que o homem se encontra em casa, portanto ele pode ser livre se assim o quiser. Para ela, Deus Ser infinito e criador está intimamente presente em suas criaturas, mas somente pela vontade própria do indivíduo. Pode-se romper a barreira da alienação, Deus concede-nos o livre-arbítrio para fazermos nossas escolhas (FABRETTI, 1995).

Em sua obra *A ciência da cruz*, Stein, discorre sobre a liberdade da alma seguindo o caminho que Cristo trilhou em direção à morte pela cruz. O sentido profundo de sua adesão ao cristianismo reside justamente no fato de descobrir na cruz o caminho para a ressurreição, pois que às vezes, grosso modo, é perdendo que ganhamos.

Não cabe aqui concluir nada, pois o homem com toda sua limitação, não se opõe a viver em liberdade, uma vez que esta é parte inerente de seu ser e legitimada pelo livre arbítrio.

### **3. Considerações Finais**

A trajetória da vida dessa filósofa é bastante questionadora. Encontramos na vida e nas obras de Edith Stein um desejo imenso de buscar a verdade, mesmo que ela demore a encontrá-la. A filosofia fenomenológica foi parte fundamental para esta busca, mas com a adesão ao cristianismo e com o início dos estudos da filosofia cristã tra-

dicional, nas obras de São Tomás de Aquino e Santa Teresa de Jesus, descobriu que essa verdade tinha um nome: Jesus Cristo. A partir dessa descoberta, Deus foi tudo pra ela. O importante é jamais desanimar na busca sincera e autêntica. A verdade se deixa encontrar por aqueles que a procuram com coração sincero: “por muito tempo minha única oração foi a busca da verdade”. Ela encontrou a verdade e a liberdade em Cristo.

Edith Stein não é teóloga no sentido técnico. Ela é, sim, uma filósofa que soube buscar na fenomenologia de Husserl o que a ajudaria a compreender o pensamento contemporâneo.

Em Edith Stein, não achamos respostas para o homem conseguir a liberdade, uma vez que estar livre é consentir estar, ou seja, escolher ser livre ou não. Não deriva do pensamento steiniano a verdade plena do homem, mas a percepção do caminho, das escolhas, das decisões que são tomadas a partir do próprio homem diante de si mesmo.

Em 15 de abril de 1934, Edith Stein, encerrou sua carreira no “mundo” para entrar, conforme desejava intimamente, na Ordem dos Filhos de Nossa Senhora do Monte Carmelo, ou simplesmente na Ordem do Carmo, de Colônia-Lindenthal Alemanha, com 43 anos de idade, apesar de sua descendência judaica. Tendo se convertido ao catolicismo em 1922, aos 30 anos, morreu aos 50 anos vítima do holocausto nazista na câmara de gás do campo de concentração de Auschwitz, aos 9 de agosto de 1942. Sua vida é testemunho de persistência e luta. No dia 19 de outubro de 1998, o Papa João Paulo II canonizou Edith Stein, por sua vida e obra cristã exemplar, consagrando-a padroeira da Europa por sua bravura e pioneirismo frente aos acontecimentos de seu tempo (STEIN 2008).

#### **4. Referências bibliográficas**

COSTA, C.M.S. *Inteligência espiritual em Edith Stein*. Braga, 2008.

Disponível em:< <http://www.scribd.com/doc/3262344/Razao-Emocao-e-inteligencia-espiritual-em-Edith-Stein>> Acesso em 29 de Set. 2009.

FABRETTI, V. *Uma vida por amor*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MACCISE, C. ; CHALMERS, J. *Perder para ganhar*. São Paulo: Carmelo, 1989.

STEIN, E. *A ciência da cruz*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2008.